



CONTOS PÉRFIDOS

ANGELO DE CASTRO

Prefácio

Voltando ao meu jardim em um desses fins de noites em que a vida nos permite sonhar e as lágrimas se confundem com o orvalho, percebi que ainda me faltava dizer algo, contar algo que por algum motivo tinha ficado perdido no tempo... Ainda que acreditasse já ter dito muito, já ter falado de quase tudo, notei ali que faltava-me falar dos espinhos, dos galhos secos e de rosas despetaladas... Certamente isso nos ocorre, pois, sempre esquecemos do limo nas paredes, das pedras no caminho e das tempestades que depois que cessam não nos tocam mais...

Mas eles continuarão a existir...

Por essas e outras coisas, busquei nas minhas lembranças essas narrativas carregadas de terror e suspense, dando de cara com as páginas de 'Contos Pêrfidos' com seu enredo tão real quanto próximo do nosso cotidiano.

Pessoas normais de carne, ossos e sentimentos, que vivem a busca incessante pelas respostas quanto ao sentido de tudo...

O amor, o prazer, a loucura, os sonhos, os desejos, a própria morte e a vida, a nossa essência, a existência, as ausências, os vazios, a confiança, as nossas vitórias, as infelicidades...

Assim é o universo que envolve as entrelinhas destes contos que se seguem...

Bem, sem rotular a qualquer um desses que seja, devo dizer aqui que as consequências e circunstâncias os levarão a caminhos tais que os farão se questionarem sobre "como chegaram a isso" e como seguirão além.

Se as respostas lhes faltarem, se os dias e as horas forem poucos para que cheguem às suas conclusões, então estaremos perdidos nesse emaranhado de dissabores, traumas e carmas os quais eles estão destinados a viverem.

Sem nenhum interesse em me valer de algum julgamento sobre esse caos interno que os toca, deixo aqui a liberdade para que cada leitor permita a si mesmo se povoar das sensações e emoções, que, espero, esse enredo em suas narrativas possa nos trazer.

Deste modo também aqui as minhas impressões.

Talvez sejam só minhas.

Talvez alguém possa enxergar assim também.

Fico por aqui com algumas palavras que me sobraram do romance anterior...

“ Nem tudo que vivemos era exatamente o que é agora...”

A. De Castro, Vitória ES outubro de 2023
gratidão

joãoangelodecastrogonçaves 052.362.687/88 – 50.094.592-2

joaoangelodecastro73@gmail.com

Vitória. Esp. Santo 23 de Outubro, 2023

Edição do Autor–Editora Estrel@ / Câmara Brasileira do Livro

Literatura brasileira.

Contos Pêrfidos,

contos de terror

Este livro não pode ser reproduzido parcial, nem integralmente sem a permissão de seu autor.

Sobre o autor:

Quem é Angelo de Castro? É um escritor capixaba, apaixonado pelas Letras que, conforme ele próprio declara nas páginas que se seguem, sentiu o pulsar de sua veia literária, ainda menino, em inocentes brincadeiras, ainda no lar de seus pais, com os seus irmãos.

Essa paixão pela arte escrita, tem levado esse autor, fruto da nossa terra, a constantes produções, semelhante o nascer do dia e o cair da tarde.

Tamanha dedicação, tem lhe gerado um acervo literário com mais de cem obras publicadas.

De uma simplicidade, próprias dos que carregam a sabedoria que é revela em seus escritos, não é difícil encontrá-lo na Universidade Federal do Espírito Santo e em demais instituições de ensino superior, explanando com alunos desses locais, sobre as narrativas de suas obras.

Ednéia Dias Lopes, Vitória E.S. Outubro de 2023

Dedicatória

Este livro é dedicado á memória do imortal escritor, o genial Ryoki Inoue, autor prolífero a quem sou contemporâneo e de tamanha obra de qualidade inigualável.

Também dedicado á memória de Ariano Suassuna, grande escritor que pude acompanhar ainda em vida e de quem igualmente sou muito fã...

Humildemente...

Também dedicado aos meus filhos e netos...



Índice

Prefácio	02
Dados da obra	03
Sobre o autor	04
Dedicatória	05
A ILHA DOS VENTOS	08
UM VAMPIRO EM MINHA VIDA	15
SEM SAÍDA	25
O MALDITO LIVROS DAS DATAS	52
SILÊNCIO MORTAL	57
Bibliografia	86
Contatos do autor	91



A ILHA DOS VENTOS

Parte 1

Minha avó costumava contar no meio da noite até que pegávamos no sono:

“Pelas margens do rio, toda a gente via o barco indo embora...

A gente ficava olhando sem saber quando ele ia voltar trazendo mais mercadorias e também notícias de outros lugares.

Era assim que as mercadorias chegavam.

Tudo a gente aguardava chegar junto com as notícias, naquela cidadezinha que a gente morava.

Quando se sabia que Fulano ou Ciclano tinha morrido, já tinha se passado dois ou três meses. Às vezes ainda mais tempo...

Do alto do Morro do Adeus descia a água de uma nascente que era tão limpa, tão cristalina e tão fresca que a gente tinha gosto de beber dela. Os meninos eram os que faziam o trabalho de carregar a água.

A maioria das casas nem tinha poço. As que tinham eram as casas dos moradores mais antigos.

Quem rezava as missas era um padre, um senhorzinho de meia-idade, o sr. Antônio, homem muito humilde, que morava lá na Ilha dos Ventos. Era um lugar “perdido no tempo”...

O cemitério era atrás da igrejinha que a muito custo foi construída com tijolo feito do barro que retiravam lá na Vila mesmo.

Isso porque o acesso pra chegar lá era feito por barco e ninguém ia trazer tijolos de longe... Não é mesmo?

Os que nasciam não tinham muito recurso como hoje.
A Terezinha era a melhor das parteiras e a Dulce era uma benzedeira que todos procuravam quando tinham algum piriri.
Ah... Faz tanto tempo, dizia ela, mas ainda me alembro...''

_ A minha mãe, continuava ela, um dia morreu enquanto lavava roupas quarando na beira do rio.

Nenhuma das outras lavadeiras disse que viu... Então ela teve um mal-súbito, desmaiou e caiu no rio.

Ela não se afogou, mas bateu a cabeça tão forte numa pedra que...
Nem teve socorro.

Também o hospital ficava a quase dois dias da Cidade... Melhor mesmo ela não ter sofrido mais.

Por fim acho que foi melhor pra ela ter descansado.

Naquele tempo... fazia uma noite de Lua como hoje, e o Céu estava estrelado. Foi a última vez que vi minha mãe, contava vovó.

Depois, só no enterro dela.
Aquela foi a primeira vez que vi uma pessoa ser enterrada.

Até ali não tinha visto, não tinha acompanhado o enterro de ninguém... e sabe..

De lá pra cá, passei a ver um, dois ou três todos os anos...

Acho que até aqui, depois daquele Tempo em que minha mãe se foi, eu já vi mais de cem...

Parte 2

Muitas vezes, especialmente nos fins de tarde ouvia essa história que era contada com tristeza por minha avó... Era sobre uma de suas amigas, Diana e sobre um triste ocorrido em um tempo de natal... Contava assim...

“ _ Diana suicidou-se depois que foi descoberta com seu amante. Era uma noite de antevéspera de natal.

Naquele tempo uma mulher não era bem-vista se fosse descoberta com um amázio.

Diana tinha uma vida-dupla, coisa que muitos não acreditavam, mesmo depois de ter circulado a notícia pela cidade.

Bem, naquela época, o marido de Diana trabalhava distante. A fazenda que ele trabalhava ´tomando conta´, ficava a léguas e léguas de distância do povoado onde eles viviam e Tenório tinha que sair cedinho de casa para chegar em seu trabalho.

Montava seu cavalo e ia cortando caminho por dentro das campinas até alcançar a porteira da Fazenda Curuçá.

Lá ele passava o dia inteirinho tomando-conta do gado de sr. Romão homem distinto e talvez o mais rico fazendeiro da região.

A comunicação não existia como nos dias de hoje. Jamais. Por vezes acontecia um imprevisto na Fazenda e sr. Romão exigia que Tenório dormisse por lá.

Às vezes era por conta do tempo ruim mesmo que, na volta, a chuva forte impedia que ele ou qualquer outro voltasse pelos caminhos cheios de atoleiros.

Desse modo, anos depois de toda essa vida dura, por um descuido, Diana foi apanhada por Tenório ainda no começo de uma manhã, nos braços de seu amante. Estavam na cama.